



CARTA AO EDITOR

## **Precisamos integrar nossos Kevins: discussão a partir do livro "Precisamos falar sobre Kevin" (Shriver) e do assassinato de Bernardo Boldrini**

*Ellen Bornholdt Epifanio<sup>a</sup>*

<sup>a</sup> Psicóloga (PUCRS). Mestre em Psicologia Clínica (PUCRS). Doutora em Psicologia Geral (Universidad Del Salvador - Buenos Aires/UFRGS). Especialista em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica (IEPP). Docente do IEPP. Membro Aspirante da SPPA.

i

O best-seller "Precisamos falar sobre Kevin", de Lionel Shriver<sup>1</sup>, versa sobre um adolescente que, antes de completar 16 anos, dispara contra colegas da escola e os mata. No decorrer da narrativa fica implícito que há vários fatores contribuintes para o desfecho trágico. A grandeza da história consiste, a meu ver, justamente em fugir da posição maniqueísta do bem versus o mal.

É possível refletir sobre uma série de fatores convergentes na consumação do crime: a mãe, desde a gravidez, apresenta certa indisposição para a maternidade e uma clara falta de intimidade/empatia com o filho após seu nascimento; Kevin revela-se um bebê extremamente demandante, pois chora até a exaustão e apresenta, desde muito cedo, características opositoras que dificultam as malsucedidas tentativas de conexão da mãe com ele; o pai parece permissivo e alimenta um conluio perverso com o filho; e ainda, no contexto social norte-americano, esse tipo de crime tem extensa repercussão.

O próprio título convida a que se pense no que ocorre para a eclosão desse tipo de carnificina. "Precisamos falar sobre Kevin" sugere que precisamos mesmo falar sobre os "nossos Kevins", incômodos habitantes de nosso mundo interno. E aqui espero não confundir o leitor com a psicopatia assumida, com

o aspecto destrutivo que habita em todo ser humano e que Winnicott<sup>2</sup> esclarece, ao postular que a tendência antissocial pode existir em um indivíduo normal, neurótico ou psicótico. Para o autor<sup>2</sup>, diferentes formas de destruição podem ser encaradas como procura de algo, como se a criança buscasse a estabilidade ambiental capaz de suportar a tensão resultante de seu comportamento impulsivo. Quando não há essa estabilidade do meio, esse continente, o resultado arrisca-se a ser trágico.

Crimes explícitos como os que aqui mencionados confrontam com nossas tendências violentas. Na saúde, a integração as mantém sob controle e reprimidas. Também são objeto de nosso estudo na psicanálise e podemos denominá-las de pulsão de morte predominante, segundo Freud<sup>3</sup>, de inveja e voracidade inata intensa, segundo Melanie Klein<sup>4</sup>, de parte psicótica da personalidade sem integração, segundo Bion<sup>5</sup>.

Um caso real e perto de nós é o do menino Bernardo Boldrini, de 11 anos, encontrado morto no interior do RS após ter sido dado como desaparecido em abril de 2014. Conforme as investigações da Polícia - continuam as investigações a respeito da participação do pai –, Bernardo foi sedado e depois enterrado por sua madrasta. Seriam, esse pai e essa madrasta, os responsáveis por sua morte, os "nossos Kevins"?

Esse crime chocou o Brasil, talvez por ter a ver com uma situação de desamparo extremo e desfecho violento. A repercussão midiática tão extensa possivelmente se deu também pelos requintes de crueldade; por acontecer perto de nós; por se tratar de uma família com nível terciário de educação e pertencente à classe média/alta; pelo absurdo do assassinato planejado de um menino por adultos responsáveis por ele; e porque o próprio menino já havia procurado o Ministério Público denunciando falta de cuidado.

Infelizmente, Bernardo foi uma vítima a mais. Nós nos revoltamos e sentimos dor pelo ocorrido também como fruto do próprio controle sobre nossas tendências violentas. Como sociedade e como cidadãos somos corresponsáveis de alguma forma por "Bernardos" que não são ouvidos. Precisamos mesmo falar sobre os Kevins, Bernardos, Joãoes e Marias que se manifestam sob as mais diversas formas, bem aqui, ao nosso lado.

## Referências

1. Shriver L. Precisamos falar sobre Kevin. Rio de Janeiro: Intrínseca; 2012.
2. Winnicott DW. La tendencia antisocial (1956). In: Escritos de pediatria y psicoanálisis. Buenos Aires: Paidós; 1999.
3. Freud S. As duas classes de instintos (1923-1925). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago; 1996. v. 19.
4. Klein M. Observando la conducta de bebes (1952). In: Envidia y gratitud y otros trabajos. Buenos Aires: Paidós; 2004.
5. Bion W. Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não psicótica (1957). In: Estudos psicanalíticos revisados. Rio de Janeiro: Imago; 1988.

## Correspondência

*Ellen Bornholdt Epifanio*

Av. Carlos Gomes, 1550/503

90480-002 Porto Alegre-RS

ellenb@terra.com.br

Submetido em: 11/06/2014

Devolvido para correções em: 25/07/2014

Retorno do autor em: 04/08/2014

Aceito em: 13/08/2014